

## **A METÁFORA DA FRONTEIRA NO POEMA UIARA, DE OCTÁVIO SARMENTO**

**Alexandre da Silva Santos<sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

O presente artigo se propõe a expor a alteridade constituinte na identidade do imigrante nordestino, por meio do personagem Militão, no período áureo da borracha na Amazônia, através do poema “Uiara”, de Octávio Sarmiento, poeta amazonense recém descoberto pela crítica local. A abordagem do estudo realizado para desenvolvimento desse fora o de fichamentos de leituras de teoria literária, literatura no Amazonas, identidade amazônica e nordestina, além da obra do autor mencionado. Justifica-se esse no argumento de que o discurso literário é carregado de plurissignificação e como tal, utiliza-se de elementos coerentes a esse campo de semântica, logo proporciona a reflexão na constituição do ser sertanejo, em terras amazônicas através da linguagem enquanto reflexo de um discurso histórico e cultural.

**Palavras-chave:** Literatura; Identidade; Alteridade; Sertanejo.

## **THE METAPHOR OF THE BORDER IN POEMA UIARA, OCTÁVIO SARMENTO**

### **ABSTRACT:**

This article aims to expose the constituent otherness in identity of the northeastern immigrant, through Militão character, the golden age of rubber in the Amazon, through the poem "Uiara" Octavio Sarmiento, newly Amazon poet discovered by local critics. The approach of the study to develop this outside the fichamentos of literary theory readings, literature in the Amazon, Amazon and northeastern identity, in addition to the mentioned author's work. Justified this on the grounds that literary discourse is loaded plurissignificação and as such, it uses elements consistent with this semantic field, then it provides a reflection on the constitution of the backcountry in the Amazon area through language as a reflection of a historical and cultural discourse.

**Keywords:** Literature; Identity; Otherness; Country.

### **INTRODUÇÃO**

Ao se pensar em fronteira, reproduzem-se logo conceitos ligados a ideia de fim, de superado; mas situar uma fronteira como um espaço de interligação entre o início e o fim de

---

<sup>1</sup> Professor- pesquisador, discente do mestrado em Letras, em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: alexandresantosp@gmail.com

algo, que conforme contexto a ser apresentado no decorrer desse, significa interpretar, ser esse limiar ao estado do presente, uma contínua alteridade da identidade de um sujeito.

Nesse contexto, o discurso literário, que por natureza é carregado de plurissignificados, também reproduz essa fronteira através da linguagem escrita e corrobora a constituição de um elemento fundamental no poema *Uíara*, de Octávio Sarmiento (2007), ao apresentar um retirante da seca, em época do período áureo da borracha, na Amazônia, com a ilusão de enriquecer em terras por ele desconhecidas e remotas do seu conhecido sertão.

Assim, no desenrolar da narrativa textual do poema, realizada pelo poeta Octávio Sarmiento (2007), o herói encontra-se perdido e atormentado pela presença de uma entidade da mitologia grega reassignificada em um ser, cujo nome dá título ao texto. Há desse modo um cruzamento entre fronteiras: o sertanejo Militão, personagem do poema, sonhador, entusiasmado por poder proporcionar melhores condições de vida à família, vítima de uma política de controle por parte dos governantes, que em contexto amazônico, é usado como configuração da mão de obra nos seringais versus Militão perturbado, triste e perdido em si, na parte final do texto – como será apresentado; produto de um cruzamento perigoso que fora feito entre os limiares que constituem o seu respectivo ser.

O poema em questão faz parte de um texto, entre outros, que compõem o livro *Uíara e outros poemas*, do poeta Octávio Sarmiento (2007), descoberto há pouco pelo escritor Zemaria Pinto<sup>2</sup>, membro da Academia Amazonense de Letras.

Octávio Sarmiento nasceu em Manaus, a 30 de novembro de 1879. Era filho do coronel Joaquim Sarmiento, figura de relevo na política amazonense na segunda metade do século XIX. Em 1904, após ser aprovado em curso da Escola Superior de Guerra do Exército, no Rio de Janeiro, ingressou na Força Policial do Amazonas, onde fez carreira, chegando a Comandante, posto que ocupou por menos de 30 dias.

Um dos membros fundadores da Academia Amazonense de Letras, o poeta Octávio Sarmiento é um dos grandes escritores desconhecidos da História da Literatura, não por falta de talento literário, mas pelo fato de os estudiosos – até pouco tempo – o deixarem neste limbo. Sarmiento é daqueles poetas que sabem manusear as técnicas literárias existentes e transmite ao leitor a sua subjetividade como poucos, quer seja pela denotação de seu estro poético, quer seja sensibilidade, acabamento, quer seja pelo ritmo e forma.

---

<sup>2</sup> Organizador da obra “Uíara e Outros Poemas”, seleção de poemas do poeta Octávio Sarmiento e publicado em 2006 pela Editora Valer.

Há merecimento de destaque nesse período da história do Amazonas e paralelo a trajetória existencial do poeta, a existência de um presente idealizado pelos lucros da exploração da borracha. Sarmiento (2007) é um exemplo de um escritor local preso em visões míticas, imaginárias plantadas pelos primeiros viajantes ao País da canela<sup>3</sup>, mas contemporâneo ao teor infernista que havia se instalado no contexto literário do Amazonas e como tal, praticante.

O Amazonas, da época de Sarmiento (2007) era o destino da chegada de estrangeiros, nordestinos, por estarem inseridos em políticas governamentais que visavam, através da produção agrária, o desenvolvimento do país. Um exemplo disso ocorre em julho de 1878, quando do porto de Fortaleza, o navio de guerra Purus levou um grande número de cearenses pobres que fugiam da profunda miséria a que se viram reduzidos. Muitas vezes eles partiam sem saber ao certo o que iriam encontrar pela frente. Eram trabalhadores contratados para as obras de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Seguiam assim viagem em direção ao rio Madeira, na fronteira do Brasil com a Bolívia.<sup>4</sup>

O contexto acima expõe o trajeto desses retirantes da seca para irem ao que hoje seria o Acre. Militão, personagem de Sarmiento (2007), insere-se na realidade da borracha, no Amazonas, que era um dos locais projetados pelo governo como produtor econômico, possuindo como produtos: o cacau, o açúcar ou mesmo o café, em outras regiões do Brasil, cuja venda da ilusão de fartura e prosperidade fácil e rápida, motivava o êxodo dessas pessoas.

Convém ressaltar que a produção da borracha, durante muitos anos, para ser específico, no período de 1890 até 1920, aproximadamente, era uma prática de exportação tão importante quanto a do café, o que contribuiu para a vinda de nordestinos.

Paralelo a isso, a literatura produzida em Manaus, nos meados de 1917 oscila entre o culto ao exótico e à forma; em uma linguagem que busca o efeito parnaso da perfeição da estética literária, isto é, existiam grupos que estavam divididos entre os “edenistas”, cujos temas poéticos têm como preferência a opulência da floresta, sintetizando uma visão exótica da região, conforme pensamento de Marcos Frederico Kruger, em *Amazônia: mito e literatura*, de 2001; e de outro, os “infernistas”, que em suas propostas, pintam a paisagem amazônica como um verdadeiro inferno verde, segundo Alberto Rangel, em *Inferno Verde*, de 2008.

<sup>3</sup> Expressão dada pelos primeiros viajantes que desceram o rio Amazonas.

<sup>4</sup> Ofício de 20/07/1878, Fortaleza, caixa 7-A, Socorros Públicos, APEC.

Dessa forma, falecido a 4 de outubro de 1926 e com 40 anos, Sarmiento (2007) possuía a sonoridade, sugestão e pessimismo dos simbolistas, e a amargura e sombrio dos românticos do mal do século<sup>5</sup>. Não deixou livros publicados em vida, mas poemas em jornais da cidade em uma época onde não havia livrarias, editoras - a prática da poesia servia apenas ao adorno de coronéis da borracha - mediocridade literária que o poeta não nutria, mediante o pensamento de Souza (2003), em *Expressão Amazonense*.

Assim, Sarmiento (2007), no poema *A Uiara*, através do protagonista Militão, promove uma representação do homem, retirante da seca, na época do ciclo da borracha, que veio para o Amazonas em busca de melhores condições de vida. Ele se vê ora em sua terra de origem, ora na floresta amazônica, perdido no infinito de seu abismo existencial, afinal, cruza a fronteira do sonho e do medo, para por fim - decepcionado por não conseguir a fartura e riqueza – a travessia desse limiar.

Nesse sentido, esse estudo é resultado de uma pesquisa de cunho bibliográfico, utilizando fichamentos de autores da Teoria da Literatura, Literatura no Amazonas, História das secas, entre outros. Assim, foi possível a compilação de dados relevantes para a construção desse; caracterizando o fruto desse conhecimento quanto a pesquisa dos meios, segundo Vergara (2000).

Desta forma, partindo do pressuposto de ser a Literatura o espelho da sociedade no indivíduo, e nesse o inconsciente coletivo. A representação que ela traduz associa-se ao processo de apreensão da realidade e de uma cultura, em outras palavras, é compreendida como o choque dessa representação, uma invenção e reinvenção desse sujeito oriunda de um sincretismo.

Com isto, o estudo exposto justifica-se em demonstrar através de argumentos coesos, o reflexo, ou melhor, o produto do encontro de vários sujeitos (nordestino, caboclo e europeu) para a formação de um ser, que passa por constantes mudanças de identidade, como resultante de fronteiras a serem atingidas e superadas em um presente eterno. Nesse contexto, a literatura torna-se a casa da fruição.

### **A Amazônia gomífera e o Militão**

Nas últimas décadas do século XIX, entre os anos de 1870 e 1915, ocorreu o processo de expansão e apogeu da economia da borracha na Amazônia. Nesta época, a exploração da

---

<sup>5</sup> Referência dada aos artistas românticos que tinham apreço ao gótico, sombrio, pessimismo, tédio e gosto ao suicídio. Também é uma associação feita ao poeta do Romantismo, que morria jovem, geralmente com os sintomas da tuberculose, doença que a época não havia cura.

borracha silvestre, através do extrativismo, haja vista o desenvolvimento da indústria de pneumáticos, que possibilitou uma crescente demanda pelo consumo da borracha nos países industrializados da Europa e Estados Unidos da América na época. Conseqüentemente, a borracha silvestre brasileira (*Hevea Brasiliensis*), matéria prima dessa indústria, possibilitou com que a Amazônia, em pouco tempo, fosse o principal fornecedor de borracha em nível mundial, detendo indiscutível monopólio.

Havia também, a existência do sistema de financiamento da extração e comercialização da borracha amazônica, através do aviamento que, favorecendo o processo de dependência dos seringueiros em relação aos seringalistas, permitia justamente a exportação da borracha pelos portos de Belém e Manaus; além de casas de comércio estrangeiras na Amazônia que, fazendo importação e exportação de produtos, acabava monopolizando a venda da borracha para os mercados europeus e norte-americanos, permitindo o seu escoamento.

Além de um crescimento populacional, que enfatizava o deslocamento de nordestinos, para outras áreas do Brasil, conforme expõe Viana (1923), em *Evolução do povo brasileiro*, como regiões de Goiás, de Minas, do Mato Grosso, do Rio Grande. Há a construção da imagem de que o migrante, Militão, é empreendedor, afinal, é ele alguém que fica provisoriamente na região, que não tem interesse na residência, uma vez que, Viana (1923), expõe que ele é a presença do nordestino no espaço da floresta, o que justificava a imigração, porque ela seria um elemento fundamental por possibilitar o povoamento da região, entendido como urgente<sup>6</sup>.

Assim, os proprietários desses centros de indústrias extrativas iam, anualmente, ao Ceará e outros estados do Nordeste, fazer o recrutamento de trabalhadores. Seduziam-nos, falando-lhes das secas arrasadoras, da penúria em que viviam e da abundância que facilmente se auferia na floresta das seringueiras, do conforto que, emigrado, poderiam proporcionar a família. E, assim sugestionados, formavam-se grupos de emigrantes, que eram transportados para Belém ou Manaus, por exemplo, onde embarcavam, às centenas, nos porões infectos dos navios. (Cabral, 1984, p. 23).

Nesse sentido, em pleno sertão nordestino, castigado por várias secas, homens e mulheres saem em uma aventura utópica e épica para uma região, cujas origens e conhecimentos sabidos, à época, era o de feito por histórias fantasiosas de aventureiros

---

<sup>6</sup> Ofício Nº 625, Ministério da Agricultura Indústria e Comércio – Diretoria do Serviço de Povoamento – Rio De Janeiro, 3 de abril de 1916”. In: MUNIZ, João de Palma. Estado do Grão-Pará. Imigração e Colonização. História e Estatística. 1616-1916. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1616, p. 6.

européus ao longo do Rio Amazonas. Essa imensa maioria, os retirantes da seca, vieram a trabalhar como seringueiros.

Eis que surge Militão, na poesia de Octávio Sarmiento, cujo olhar estava “Imerso em mágoa e num pesar tremendo...” (SARMENTO, 2007, p.53). Figura representativa desse sertanejo mencionado no início do parágrafo reflete no poema, Uiara, do poeta amazonense uma identidade formada por limitações extremas tais como a dor, fome, teimosia frente à vida, cujo ambiente hostil de morada revela-se a cada dia feroz. Terra essa “... despida e rasa / Da farfalhante e vívida folhagem...”, cujo cenário é aterrorizante, pois “... os galhos lembram descarnados braços, / Erguidos para os fúlgidos espaços / Num protesto de dor, sereno e mudo...” (SARMENTO, 2007, p.53).

Militão pensa em suas fronteiras, em uma possível travessia, cuja natureza é indiferente a um clamor ou dúvida frente à condição de impotência ao qual está inserido o sertanejo. Ele, cujo “... céu não escuta a prece, o grito / Que da alma irrompe e o olhar magoado exprime”, o desespero não é notado, pois “O sol potente fulge no infinito” (SARMENTO, 2007, p.54). Cruzar a fronteira dessa terra mórbida e algoz será inevitável.

Esse homem, assim identificado na História da Literatura Brasileira, em Os sertões, de Euclides da Cunha, em 1902, como “sertanejo que é antes de tudo forte” (CUNHA, 1973, p.146), é ao mesmo tempo a representação e símbolo do abandono de uma região que em outro período da história da colonização brasileira, era o sítio dos engenhos, das capitânicas hereditárias, gado e algodão. O eco de um passado regional que estaria desaparecendo e situa-se agora na contramão do mundo moderno à época.

Essa é a identidade de Militão: homem que rejeita as superficialidades da modernidade, de peito aberto aos costumes conservadores, rústico, áspero, masculino. Segundo Albuquerque Jr (2003, p. 162), “... um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar a sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava. Graciliano Ramos, em seu regionalismo modernista de Vidas Secas, descreve essa identidade sertaneja como um indivíduo cuja “... sina era correr o mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante” (RAMOS, 2010, p. 19) – eis o personagem Fabiano, uma outra versão de Militão.

Essa visão também possui argumentação em Furtado (1987), na Amazônia, cujo migrante, um seringueiro, era inserido em um “regime de servidão”, isto é, a um trabalho na floresta, na solidão de sua cabana, esgotando a sua vida. Esse regime, entende-se aqui na perspectiva de Baschet (2006), por expor que o contexto em que Militão, o retirante da seca,

estava inserido em um estado de servidão, afinal, a relação de dominação ali existente, nos seringais, também representavam relações de poder, afinal, essa realidade era uma “forma estabilizada de uma posição intermediária entre a escravidão e liberdade.” (BASCHET, 2006, p.133).

O poeta Octávio Sarmiento, no poema *Uiará*, projeta em versos um homem, cujo olhar a lágrima veste, estereotipado como o ser vivo desse abandono, a qual a existência é “um quadro de dor, cortante e iluminada / sob os filhos clarões de um sol medonho...” (SARMENTO, 2007, p.59). Nesse território de visão sulista sobre a nordestina que Militão precisa cruzar duas fronteiras: a de si mesmo e todos os aspectos já mencionados, e a factual, isto é, necessita tornar-se outro homem, digno de oferecer condições existenciais saudáveis a mulher e filha, ambos os três espectros de um cemitério natural.

Castro (2014), no romance *A selva*, também discorre sobre o abandono que o sertão sofre, afinal, o êxodo daqueles nativos é “...mais trágico e numeroso do que o dos antigos hebreus nos domínios da cristandade. Eram caravanas sem fim ao longo da terra em fogo” (2014, p.103).

Sarmiento descreve esse ato de cruzar uma das fronteiras: “Lá se vão eles, em lágrimas banhados, / Pedindo ao Deus dos pobres desgraçados / Que faça num só gesto, lá da altura, / Jorrar por sobre a terra, intensa e forte / a chuva desejada...” (2007, p. 54). E a estrada vai seguindo, tal qual uma coorte rumo outro lado da fronteira.

Os dias dessa travessia seguem e em Militão há a compreensão de que essa partida e jornada é inevitável, sem destino, apenas viajante numa condição de nômade carregado de sonho e esperança; mais do que isso esse homem, vítima de um abandono, deseja tornar-se o homem da modernidade, isto é, produtor de capital, consumidor de superficialidades que proporcionará à família o tão desejado equilíbrio existencial. Sarmiento, com maestria e oráculo, sabe que Militão mudara, e enquanto mudança realizada seria cobrado. Dessa forma, “A pobre e mãe, que um mal estranho agita, / Após horas de intenso caminhar, / Em vão o passo estuga e busca, em vão...” (2007, p. 56).

A morte da esposa e depois da filha, nessa cruzada das fronteiras, será o preço que o sertanejo precisa sentir para reconhecer a mudança em si. Ei-la: “Militão sente o luto dentro d'alma / Quisera ali ficar também prostrado (...). Mas lembrando essa filha que conduz, / Sente também no peito a nova luz. (...). Ela também se morre, sem a voz / Ouvir desse infeliz que a exorta e chama...” (SARMENTO, 2006, p. 57). Há um novo ser agora pronto e, enfim, a cruzar novos espaços.

O outro lado da fronteira em que logo Militão estará inserido, pertence ao homem amazônico, cuja resultante de identidades formadas e reinventadas é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos - ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, etc), conforme expõe André Vidal de Araújo, em *Introdução à Sociologia da Amazônia*, de 2003.

Assim, será nessa Amazônia (re) conhecida internacionalmente por suas paisagens exuberantes e continentais, nas quais o homem configura como parte indissociável, quase imobilizado no âmago dessa natureza, que o personagem de Sarmiento (2006) irá mergulhar em si e conhecer o desfecho trágico, em uma travessia marcada pela saudade, frustração e dor.

Em outras palavras, isto implica em dizer que esse processo, a história do homem na Amazônia, é marcado por silêncios e ausências que acentuam a sua relativa invisibilidade e velam os traços configurativos da sua identidade. Quando Militão entra em território amazônico, adentra em um universo de ambiguidades, fantasia e principalmente: expectativa por paz frente a uma existência marcada pela dor, saudade e sobrevivência em estágios considerados de resistência.

Nesse sentido, trata-se de percorrer caminhos que se cruzam e se contrapõem, mascaram diferenciações sociais que têm entravado processos de emancipação social e político. Por esse novo território, cruzada a fronteira do sertão, do eu estereotipado pelo homem sulista, como mencionado, tornará a identidade de Militão em profundos dualismos. Sarmiento (2007, p. 58-59), registra o início dessa nova terra de "eus" como uma jornada "Que se vai, procurando novas zonas, / Onde encontre, com a paz, alma conforto." Expõe um homem dilacerado em lembranças que provocam a dor, afinal, "Sob a terra, talvez mais seca e dura, / Viu a filha a sorri-lhe docemente / - Desse riso que é só de sepultura!" (2007, p.59).

Ainda assim, Militão não se livra da solidão absoluta, conforme Ferreira de Castro expõe em *A selva*, de 2014, em que escreve que os seringueiros deviam andar na segunda volta, a recolher o látex precioso. Afinal, "Raro era o habitante da terra de absurdas existências que não levava no dedo grande do pé um verme branco, engordando em silêncio, sob a pele que se conservava fechada, como se o quisesse proteger e nada de anormal escondesse." (CASTRO, 2014, p.89).

E esses indivíduos, no poema de Sarmiento (2007), representados por Militão, são os que primeiro sentiram os efeitos de tais mazelas. Além de serem a maioria da população rural



sertaneja, eles não tinham alternativa a não ser migrar. O sonho, portanto, legitimou a obrigação de saírem de cruzar a fronteira e atravessar os limiares impostos pela vida.

É nesse “seio amigo, cheio de bonança” que tais sertanejos “Hão de encontrar, com amor, doce abastança. (SARMENTO, 2007, p. 59). Nesse contexto, o poeta, contemporâneo a um momento de 2º Guerra, novamente com maestria não ficaria alienado, derramaria um olhar diferenciado por sobre a historicidade dos motivos que provocaram o êxodo sertanejo. Travessia essa que Álvaro Maia, em Beiradão, expõe a grande, talvez maior prisão proporcionada por essa arriscada travessia geográfica e existencial, aquela onde: “Muitas vezes, perdiam o suor de anos seguidos, nas brechas, serras do Machado, nessa lenta espera em Manaus, com despesas no cabeça-de-porco e com mulhierio livre.” (MAIA, 1999, p. 28).

Segundo Martinelli, em 1942, ano de grande seca no nordeste, contingentes significativos de retirantes chegaram à Amazônia. Decorreu dessa migração, a chegada de um número de seringueiros que chegava a 34.000, com produção média anual de 16.000 toneladas de borracha. Para aumentar a produção anual para 45 mil toneladas em 1942, 60 mil em 1943 e 100 mil em 1944, como era o desejo dos estadunidenses, seria necessário, pelo menos, quintuplicar o número de extratores, e por isso o governo brasileiro criou a "batalha da borracha". (1985, p.42)

Militão representa esse contexto, na poesia de Octávio Sarmiento, que soube mesclar ao imaginário amazônico, a presença da lenda das sereias de água doce, cujo nome é jus ao título do poema, tem assim o suporte necessário e elemento constituinte da identidade do Militão- seringueiro. O poeta o apresenta nesse trecho do texto um sertanejo “Que em tristes ais, teunuíssimo se evola (2007, p. 61), cujo torpor das ondas enquanto desce o rio, ou ainda no lembrar da filha, da esposa morta ao chão da terra quente, leva-o a ideia doentia no cérebro; pois escuta “A irresistível voz de uma sereia / a chamá-lo, a chamá-lo meigamente...” (Ibidem, p.61)

Em terras amazônicas, agora um seringueiro, Militão tornou-se um homem de peito aberto ao trabalho, de poucas amizades, que ao final do dia descansa dentro do barco, às vezes por ali mesmo dormia, em outras ocasiões apenas lembrava-se da terra com dor, ou apenas encantava-se com o pôr do sol. O personagem de Sarmiento (2007) era agora um Operário da seca, conforme expõe Candido (2014), por afirmar que esse indivíduo seria submetido à salários ínfimos, pouco vestuário, condições de trabalhos que, em muitos casos, propiciavam o surgimento de endemias.

Nesse contexto, escutando a sereia, em não raras situações: “... a vertigem brusca sente; / Vibra-lhe o peito num dorido arquejo / Que nos seus lábios pálidos se estiola. / Vai atirar-se... Mas, uma onda forte / De através pega a nau...” (SARMENTO, 2007, p. 61).

Desta forma, um limiar agora, maior que o atravessado, entre duas fronteiras precisa ser cruzado: a da dor e saudade da terra, dos entes queridos mortos, ou das ambiguidades que o presente o proporciona, alegoria de uma prisão de uma alma em fragmentos e querendo liberdade. A travessia possui um preço alto.

Essa ambiguidade que havia tomado conta de Militão fazia parte de uma realidade, ao qual o mesmo estava inserido, de sertanejos que poucos tinham conhecimento da situação de tensão estabelecida: o longo período de espera para serem levados aos seringais, uma vez que muitos aguardavam seis meses ou mais. Isso porque os órgãos responsáveis em instalá-los não tinham agilidade nesta operação, porque o trabalho destes órgãos era interligado, e, se um deles não cumprisse com sua atividade, os demais ficavam prejudicados e era, normalmente, o que acontecia.

Algumas vezes esses migrantes ficavam impossibilitados de locomoção devido às grandes estiagens que baixam consideravelmente o nível das águas de rios e igarapés. Essa terra, segundo o poeta:

Das águas fundas pelo turvo leito.  
Vai, de manso, a singrar pelo Amazonas  
- O rio que se estende como fita  
Interminável através da terra,  
E que, rasgando essas fecundas zonas,  
E creme e canta ou, rugido se agita,  
[...]  
A Mata rompe em urros, e os barrancos!...  
Ante o olhar deslumbrado do viajante  
Que passam, ao ver perenal beleza,  
[...]  
Ai de quem venha na Amazônia e ofenda  
Os numes desta terra imensa e estranha!  
(SARMENTO, 2007, p.65-69)

Logo, Militão era agora um “ser da Amazônia”, imbuído da identidade dos nossos mais antigos ancestrais - os ameríndios da várzea e/ou terra firme. Nessa conjectura, a identidade não é sólida, mas líquida, depende dos caminhos percorridos, das relações de pertencimento, sobretudo, para aqueles marginalizados da globalização, envolvidos nas consequências desastrosas de um projeto frustrado de colonização, ou melhor, de exploração do imperialismo por sobre uma região remota e vestida de pré-conceitos. Nesse oceano de

acontecimentos, a identidade deve ser percebida como uma tentativa constante em refazer e reinventar sua própria história.

Em outras palavras, significa dizer que para Militão, pode ser considerada a ilusão de um indivíduo mediante a frustração (realidade) em conseguir sucesso na sua empresa ao chegar pelas terras amazônicas.

E agora, a meio, surge da água, a Uiara,  
Mostrando-lhe o palor dos seios mornos,  
Oferecendo-lhe, numa ânsia louca,  
Os beijos todos que lhe estão à boca!...  
E ela se entrega e, delirando, o chama  
Para o leito das águas, temerosos.  
Foi assim que, no velho barracão,  
Por uma noite perfumada e clara  
Ouvir contar o fim de Militão,  
Presos nas garras da formosa Uiara.  
(SARMENTO, 2007, p.83)

Dessa forma, após essa construção, o texto poético, pelo viés do imaginário, é uma representação da verdade, rompe o limite do real, consiste na explosão e propicia o efêmero. O verdadeiro gesto poético é aquele que imita a estrutura do gesto poético, sem desconsiderar a realidade factual. A eficiência do enunciado obtém-se pela adoção ou rejeição de procedimentos retóricos como o ritmo, a rima, a metáfora, a metonímia, a sinestesia e o hipérbato, dentre outros; são destinados a afastar ou aproximar o enunciado do perfil poético dominante em dado momento, atribuindo-lhe eficácia e poder de comunicação.

Assim, Octávio Sarmiento (2007) dá uma característica diferente de sereia já adotada pela tradição literária, principalmente; ela passa a ser a “lúbrica e nefasta”, a mulher sensual que provoca Militão, longe do falo (esposa), ou seja, ela representa a morte pela vida da paixão a ser sinônimo de felicidade na realização do ato sexual... “Há nessa voz os tímidos lamentos / De um coração que sangra, e sofre, e chora, / [...] / Que flui em quentes vibrações, agora / Sobem eflúvios pífidos do amor, / Do amor carnal, feroz...”. (SARMENTO, 2007, p.45).

Percebe-se que a sereia, na verdade, era a visualização de uma mulher e o grande embate de Militão, que por meio do imaginário (por meio dos sonhos) esboçavam as pulsões mais obscuras e primitivas da mente humana e onde se mistura o desejo sexual reprimido e a interdição do pecado. Segundo Ménard (1991), as sereias, que eram consideradas musas da morte, eram célebres pela doçura do canto. Passavam a vida em rochedos, onde faziam morrer os navegantes atraídos pelo seu canto.

Como registrou o poeta Octávio Sarmiento, ela é a “Dura face, lívida e tranquila / Não transparece a dor que lhe aniquila / O amargurado e triste coração” (SARMENTO, 2007, p. 47). Isto é, a representação da Amazônia opulenta, majestosa e cruel aos que não a conhecem, aos ingênuos. Ela é a penitência de um ser desiludido, vencido e frustrado, conforme afirma Euclides da Cunha, no conto *Judas Ashverus*, afinal, “só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem - e este pecado é o seu próprio castigo.” (CUNHA, 1926, p. 32)

Em outras palavras, era para muitos desses nordestinos uma terra cujas cenas de terror se equiparam ao do sertão, cenas como a de “seringueiros egressos dos centros habitados, que morriam de febre negra ou beribéri. Morriam à míngua, tremendo ou imobilizados nas redes, sem socorro de ninguém, com as pernas inchadas, sem poder andar...” (MAIA, 1999, p. 43 – Grifo nosso).

## CONCLUSÃO

A linguagem poética é diferenciada da linguagem cotidiana porque a sua respectiva função referencial não se reduz ao utilitarismo e automatismo da percepção que caracterizam esta última. A linguagem poética, então, se caracterizaria pela ênfase do não automático da percepção que estaria como que adormecida pelo hábito e pelo pragmatismo que caracterizam a linguagem cotidiana.

Portanto, o discurso literário se caracterizaria pelo desvio da linguagem cotidiana. Octávio Sarmiento, com maestria sabe provocar essa desautomatização, no poema Uiara, o poeta apresenta, através da discursividade do texto, o reflexo de várias identidades e alteridades por meio de Militão. Em outras palavras, é um processo de construção e reconstrução contínua da identidade, e isso implica em dizer ser esse sistema, uma construção do significado existencial da pessoa.

Afinal, Sarmiento (2007) apresentou um personagem, cuja “...rude alma do triste sertanejo / Fluem também o pranto e a negra dor / Ante a desgraça enorme: e a seca, uivando...” (SARMENTO, p. 54); para logo após expor ao leitor a alteridade sofrida por Militão em um homem de cérebro doentio, figura triste pela dor agora a da saudade da esposa e filha - mortas no sertão. Com isso, há um ser que necessita de companhia para que, no encontro com o outro, tenha seu horizonte de significados ampliando.



Esse encontro é definido por Romano Guardini (1958) como o entrelaçamento de duas realidades que se enriquecem mutuamente, o ambiente natural de formação do ser humano e ocorre quando um homem apresenta-se perante uma coisa ou um ser vivo e é ferido pela sua presença. Tal pensamento expõe que “a relação atinge a sua plenitude no momento em que o outro homem me encontra a mim. Então, dá-se um mútuo encontro, uma mútua determinação.” (1958, p.33).

Nesse contexto, há de se ressaltar que esse processo nunca é explícito. Ao contrário, uma das características peculiar da Arte e da Literatura, enquanto uma ferramenta, é estabelecer, dado ao seu caráter conotativo, o da linguagem literária; a literalidade do tema transfere, de imediato, o texto para o nível denotativo e não literário.

Assim, o caráter plural da literatura reside no fato de que, criando metáforas e alegorias, os personagens movem-se gerando um número de informações e isto viabiliza a múltipla interpretação, permitindo ao leitor interagir com os aspectos desses movimentos segundo suas respectivas necessidades.

Com efeito, esse homem, Militão, personagem do poema de Octávio Sarmiento (2007), mediante a vida de desgraças e limitações, não precisa interrogar a existência, mas ser interrogado pela vida e a tal responder. Entretanto, esse processo de busca e transformação pelo qual passa esse sertanejo, até resulta-se nos braços da sereia de água doce, cuja bússola o leva para cruzamentos por vezes incompreensíveis, e nesse contexto, a travessia se realiza, ainda que em uma identidade não formada e em fragmentos. Como expõe Sarmiento: "Na promessa febril de um rude gozo, / De um volúpia ainda não provada! / O seringueiro então, no último anseio / De sua alma vencida e perturbada, / Abandona, de um salto a montaria..." (2007, p. 83).

## Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Nordestino, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino** (Nordeste 1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.
- ARAÚJO, André Vidas de. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. 2.ed. Rev. Manaus: Editora Valer, 2003).
- BASCHET, Jérôme. A civilização feudal do ano mil à colonização da América. In. **O feudalismo e a organização da aristocracia**. São Paulo: O Globo, 2006.
- CABRAL, Alfredo Lustosa. **Dez anos no Amazonas (1897-1907)**. 2ª ed. Brasília: Senado Federal, 1984.
- CANDIDO, Tyrone. **Proletários das secas: arranjos e desarrajos na fronteira do trabalho (1877-1919)**. Tese de Doutorado em história, Universidade Federal do Ceará– UFC, Fortaleza, 2014.
- CASTRO, Ferreira de. **A selva**. 10 ed. Lisboa: Editora Cavalo de Ferro, 2014.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Cultrix- MEC, 1973.
- \_\_\_\_\_. **À margem da história**. 4. ed. Lisboa: Porto, 1926.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil [1959]**. 22ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- GUARDINI, Romanno. **Liberdade, Graça e Destino**. Lisboa: Áster, 1958.
- MAIA, Álvaro. **Beiradao**. – Organizado por Tenório Telles e estudo crítico por Neide Godim. – 2. ed. Rev. Manaus: Editora Valer, 1999.
- MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na II Guerra Mundial e suas Consequências para o Vale Amazônico**. São Paulo, Tese Mimeog. FFLCH/USP, 1985.
- MÉNARD, René. **Mitologia Grego-Romana**. Trad. Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 113. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SARMENTO, Octávio Sarmiento. **A Uiará & outros poemas**.- Organizado e estudo de texto por: Zemaria Pinto – Manaus: Editora Valer, 2007.
- SOUZA, Márcio. **Expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo**. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2003.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios em pesquisa em administração**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- VIANNA, Francisco José de Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia Editores, 1923.